

# *Quando a porca torce o rabo: as notas de trabalho no processo criativo do estudo Preto, de Mário de Andrade*

ANGELA TEODORO GRILLO / UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Com o 'Preto' é que a porca torce o rabo. Vão aqui os dois trabalhos que pretendo ajuntar num só e acrescentar. Leia pra entender a escolha que você terá que fazer. [...]. Além, está claro, da referência bibliográfica, pelos números (não se engane) pois tenho cópia aqui.<sup>1</sup>

NA SÉRIE *MANUSCRITOS Mário de Andrade-IEB/USP* o dossiê intitulado *Preto* guarda um amplo estudo sobre o negro desenvolvido pelo escritor por aproximadamen-

1 Bilhete de Mário de Andrade, sem local e data, provavelmente do início dos anos de 1940, quando morava no Rio de Janeiro, enviado a seu secretário José Bento Faria Ferraz. *Apud* MORAES, M. A. de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 198.

te 20 anos. O conjunto foi estudado à luz da crítica genética, o que possibilitou a organização, classificação e análise dos documentos.<sup>2</sup>

*Preto* compreende 346 notas de trabalho que abarcam a coleta de assuntos e tópicos em leituras ligadas a uma vasta bibliografia; 2 recortes de artigos: “A superstição da cor preta” (*Publicações médicas*, junho, julho de 1938) e “Linha de cor” (*O Estado de S. Paulo*, 1939); 1 exemplar de trabalho do primeiro artigo<sup>3</sup> e a versão datiloscrita da conferência originalmente sem título, atualmente batizada de “Cinquentenário da Abolição”. Enquanto diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, Mário de Andrade preparou a conferência para apresentá-la nas comemorações do Cinquentenário da Abolição em 1938, evento organizado por ele.<sup>4</sup> Em todos os textos o escritor identifica motivos da existência, no Brasil, do preconceito contra o negro. Meus estudos mostram, pela análise do conjunto de textos e o volumoso núme-

Ateliê

- 2 GRILLO, A. T. *Processo de criação do estudo Preto, um inédito de Mário de Andrade*. São Paulo, 2010. 2 v. Dissertação. Literatura Brasileira. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP. Pesquisa inserida no âmbito do projeto temático FAPESP/IEB/FFLCH-USP, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, (2007-2011), coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Telé Ancona Lopez.
- 3 Sucintamente, esse tipo de manuscrito caracteriza-se por receber anotações do autor que visava uma republicação. Contudo, neste caso, o artigo saiu novamente em 1942, mas sem alterações. Neles encontra-se uma entrevista concedida por Mário de Andrade ao jornal: “A superstição da cor preta”. *Pensamento da América – Suplemento Panamericano do jornal A Manhã*; São Paulo, 27 de setembro de 1942.
- 4 GRILLO, A. T. “Mário de Andrade, estudos sobre o negro, um inédito”. Revista eletrônica *Marioscriptor*, n. 2. Seção: Criação, 2011. Disponível em: <[www.ieb.usp.br/marioscriptor\\_2/criacao/mario-de-andrade-estudos-sobre-o-negro-um-inedito.html](http://www.ieb.usp.br/marioscriptor_2/criacao/mario-de-andrade-estudos-sobre-o-negro-um-inedito.html)>.

ro de notas de trabalho, a inserção do autor no debate do tema em que se destacam seus contemporâneos Gilberto Freire e Artur Ramos, discussão a qual, nos dias de hoje, aprofunda as questões culturais de matriz africana e aquelas que tocam o preconceito racial.

Atenho-me, neste momento, às notas de trabalho. Por se tratar de um tipo de manuscrito de aparência fragmentada, faz-se necessária a decifração de todos os documentos para encontrar a coesão do conjunto. Partindo deste pressuposto, somente após a análise dos 346 documentos foi possível elaborar a ordenação e classificação do dossiê *Preto*. Este trabalho, em uma esfera mais ampla, contribui para os estudos do processo de criação de Mário de Andrade, pois trata deste tipo de documento recorrentemente encontrado em outros manuscritos. É provável que valha ainda para estudos de casos semelhantes em outros acervos, visto que as notas fazem parte da maioria dos processos criativos. Os carnês de investigação, estudados por Louis Hay,<sup>5</sup> similares às notas de trabalho, carregam em si características irregulares e heterogêneas. Segundo o especialista, este tipo de manuscrito desafia o pesquisador a entrar num terreno de difícil apreensão. A decifração e a classificação dos documentos, embora seja um trabalho árduo, abrem excelentes “pistas para a pesquisa” ao possibilitar a observação do universo do escritor, à expressão de suas reações e sensações.

Sobre a materialidade, as notas de trabalho são redigidas em diversos tipos de suporte. O escritor pode

5 HAY, L. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 215.

lançar mão de blocos de bolso que estão com ele, dentro e fora do seu local de trabalho, cadernos em sua escrivaninha ou folhas soltas. Além da diversidade de suporte e instrumento utilizados, a nota de trabalho apresenta, obviamente, diversidade em relação ao conteúdo, que pode abarcar tanto a referência bibliográfica, a transcrição de texto e/ou o comentário – curto ou extenso –; bem como o texto alheio, impresso em recorte de periódico ou manuscrito, de onde o escritor extrai dados que lhe convêm.

Apesar de toda essa gama de particularidades, a nota de trabalho em geral guarda um dado, a ideia, às vezes a solução que o escritor precisa registrar no exato momento da eclosão ou do achado em alguma leitura. Pode-se dizer, portanto, que a nota de trabalho tem como característica principal a preocupação de registrar o efêmero e servir como auxílio à memória do escritor. Mas, em que momento da criação ela será redigida e utilizada? É possível enquadrar as notas de trabalho em apenas uma etapa do ato criador?

Dito de maneira ampla, o processo de criação utiliza documentos que precedem uma obra: são os paratextos e prototextos. Para Almuth Grésillion, a gênese atravessa três etapas sucessivas: a fase pré-redacional, fase redacional e fase de elaboração.<sup>6</sup> No entanto, em um estudo inacabado como *Preto* essas fases mostraram-se tênues. Neste caso, a formulação das notas de trabalho não se restringiu à fase pré-redacional,

6 GRÉSILLION, A. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 138.

pois a coleta continuou mesmo após a fase redacional. Provavelmente, a ininterrupção aconteceu por se tratar de um estudo que, embora contenha três diferentes versões de textos (que atestam a fase redacional e elaboração), o escritor visava um ensaio mais amplo. Ocorre que outra redação e elaboração não aconteceram, dado que a morte deixou o projeto inacabado.

Para a organização de suas notas de trabalho, Mário de Andrade explicitou, em quatro envelopes azuis, e duas capas improvisadas por folhas de papel sulfite dobradas ao meio, os subtemas: “Escravidão”; “O mulato”; “Caracteres”; “Contra o preto (preconceito, linha de cor etc.)”; “Gestos” e “Música”. O conjunto mostra uma organização dos documentos iniciada, mas não concluída, pois 108 ficaram unidos por um elástico, sem relação aparente entre eles. Fica-se, portanto, com duas hipóteses: a vida não deu ao pesquisador tempo de finalizar essa disposição ou ele mesmo a interrompeu ao se dar conta da complexidade do tema, pois muitas das notas não se enquadram apenas nos seis subtemas por ele proposto. A segunda hipótese foi levantada no momento da análise e classificação dessas notas *soltas*, pois se fez necessário criar outros oito subtemas que se mostraram na verificação das fontes, isto é, no diálogo do pesquisador com suas leituras, sendo eles: Mulher de cor; História/Africanologia; Costumes; Contra ataque; Botânica; Apodo; Religião e Superstição. Além disso, Mário de Andrade subescreveu em um envelope branco “Documentação já usada” e ali guardou 44 notas, todas elas marcadas por um X, indicando utilização.

Evidentemente, o cotejo do grupo de notas contido no envelope “Documentação já usada” com “Estudos

sobre o negro”, “A superstição da cor preta” (1938 e 1942) e “Linha de cor” (1939) ratificou que o escritor valeu-se dessas notas na composição dos textos; além disso, a análise mostrou que Mário de Andrade fez uma seleção do enorme conjunto que dispunha e serviu-se de apenas três subtemas: Superstição, Apodo e Contra o preto. Podemos dizer que a totalidade dos subtemas comporia o ensaio maior, por ele planejado.

Ainda que o último texto tenha sido redigido em 1939 e a pesquisa tenha continuado até 1944, Mário mantém, nesta criação fragmentada, a coerência do interesse que se explicita nos textos de sua autoria e nas passagens selecionadas de suas leituras. Na vasta bibliografia que ele absorveu encontram-se obras de estudiosos e escritores nacionais, desde o Brasil colônia até os seus contemporâneos,<sup>7</sup> bem como autores latino-americanos, norte-americanos e europeus. Em suma, ainda que planejasse um ensaio mais amplo, o conjunto de leituras realizadas por Mário de Andrade, nas mais diversas áreas do conhecimento – ensaio sociológico, antropológico, etnográfico; literatura de viagem; cordel; literatura oral, poesia; romance –, documenta dois interesses, ao mesmo tempo diferentes e próximos: se por um lado importou a ele compreender a contribuição do negro na formação da sociedade e da cultura brasileira, por outro, interessou-lhe desvendar o olhar que escritores brasileiros e estrangeiros tinham sob o negro.

7 Até aquele momento, a maioria dos escritos tinha autoria de escritores não negros, uma exceção é o estudioso autodidata Manuel Querino, contemporâneo de Nina Rodrigues; a obra de ambos, indicadas pelas notas de trabalho, foram encontradas na biblioteca de Mário de Andrade.

Quanto aos títulos das notas de trabalho, Mário de Andrade nomeava-as à medida que coletava dados para os seus múltiplos e simultâneos projetos, como um recurso primeiro de organização. As notas deste conjunto receberam dele, na maioria das vezes, o título “Preto”, que corresponde ao nome que ele mesmo dera a essa pesquisa, mas coexistem ali os títulos “Negro”, “Negros” e “Mulato”. Este fato é possível ser interpretado se nos referirmos aos estudos de Lígia Fonseca Ferreira. Segundo a autora, o termo *negridade* estava em reabilitação no Brasil dos anos de 1930, momento em que intelectuais negros e brancos colocavam em destaque a contribuição do homem de origem africana na cultura brasileira. Veiga dos Santos, um dos líderes da Frente Negra Brasileira e Vicente Ferreira, orador do meio negro de São Paulo, transgridem o uso pejorativo de *negro*, que advém de *negridade*, numa “inversão semântica, usando a palavra em substituição de ‘homem de cor’, ‘preto’, ‘moreno’”.<sup>8</sup> Mário de Andrade, no seu estudo *Preto*, utiliza diferentes denominações, fato que reflete um período em que esses termos se mostravam cambiantes. Para compreender melhor, podemos estabelecer um paralelo com o conhecido movimento batizado de *Négritude* em que escritores e intelectuais antilhanos e franceses, optam pelo uso de *nègre*<sup>9</sup> ao vocábulo padrão *noir*.

8 FERREIRA, L. F. “‘Negridade’, ‘Negritude’, ‘Negrícia’: história e sentidos de três conceitos”. *Revista Via Atlântica*, publicação da área de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, DLCV-FFLCH-USP, n. 9. São Paulo: jun. 2006, p. 163-183.

9 O escritor antilhano Aimé Césaire define *Négritude* como “*la conscience d’être noir, de son histoire, simple reconnaissance d’un fait qui amplique*”.

O artigo, que incorpora o dossiê, “Linha de cor e macumba” de Oswaldo Elias Xidieh, publicado n’*O Estado de S. Paulo* em 21 de outubro de 1944 (data e local de publicação anotados por Mário de Andrade), atesta a última data encontrada no dossiê; revela, portanto, que a pesquisa durou quase duas décadas. O recorte da matéria extraída de periódico, que recebe a função de nota de trabalho ao ser incorporado no conjunto, confirma que a coleta de material de estudos sobre o negro interessou ao autor de *Macunaíma* até o fim. Mário de Andrade morre em fevereiro de 1945.

Em 1943, ao planejar a lista de suas Obras Completas para publicação pela Livraria Martins Editora, Mário designou como volume 13 *Aspectos do folclore no Brasil*. O livro compõe-se de três partes: “O folclore no Brasil”; “Estudos sobre o negro” e “Nótulas folclóricas”. Em 1963, os organizadores, ao não localizar nos arquivos do escritor o texto correspondente ao segundo capítulo, optaram por substituí-lo por *Música de feitiçaria no Brasil*. É possível que, no campo das intenções, estivesse vigorando um projeto mais completo. Contudo, como se trata de uma obra inacabada, a reunião das versões de texto, guardadas no manuscrito, foi o material que possibilitou a organização, sob minha responsabilidade, do livro *Aspectos do folclore no Brasil*, a ser publicado no protocolo de edições de texto fiel que associa a editora Nova Fronteira ao IEB-USP, trabalho coordenado por Telê Ancona Lopez.

*acceptation, prise en charge de son destin de noir, de son histoire, de sa culture; elle est affirmation d'une identité, d'une solidarité, d'une fidélité à un ensemble de valeurs noires*”. Apud VIANNA NETO, A. R. “A négritude de Aimé Césaire”. *Conserveries mémorielles*, 2007, 2e année, n. 3, p. 85.

## UMA VISITA GUIADA PELAS NOTAS DE TRABALHO ÀS ESTANTES DO ESCRITOR

O exame das notas de trabalho, contidas no manuscrito *Preto*, indica que a maioria das leituras liga-se a obras na biblioteca do próprio pesquisador, que também consultou as estantes de seus amigos Pio Lourenço Correa e Yan de Almeida Prado.<sup>10</sup> A análise, neste campo de leitura, pesquisa e criação, recorre aos estudos de Telê Ancona Lopez sobre bibliotecas de escritores. A estudiosa distingue as matrizes como as obras que, possuindo ou não notas autógrafas nas margens, entrelinhas e folhas brancas, repercutem na criação daqueles que delas se aproximam, intelectualmente comprometidos com projetos de escritura.<sup>11</sup> Nesse diálogo intertextual, explícito nas notas deixadas no livro, e implícito ou virtual na apropriação praticada pelo leitor/escritor em suas obras, as notas de trabalho estreitamente ligadas à biblioteca participam do que a estudiosa chama de “celeiro da criação”.

As notas de trabalho, que se prendem às leituras de Mário de Andrade estudioso da cultura popular, se ligam ao fato de que o pesquisador colocava um número a grafite na página de rosto do livro em questão. Esses números eram repetidos em folhas de caderninho de

10 Pio Lourenço Lourenço Correa, fazendeiro de Araraquara, primo de Mário de Andrade, possuía uma rica biblioteca; Yan (João Fernando) de Almeida Prado, *bibliófilo, historiador, jornalista e escritor, cuja biblioteca, também incorporada ao acervo do IEB, possibilitou a consulta aos mesmos livros dos quais Mário de Andrade serviu-se. Quando se trata deste conjunto, Mário indica “Yan” nas notas de trabalho.*

11 LOPEZ, T. A. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, R. (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo, Iluminuras, 2002, p. 47.

bolso, e ele as direcionava para seu arquivo. Esses números frequentam uma bibliografia com mais de 800 registros, nascida em 1929, quando o pesquisador volta de uma viagem de coleta de manifestações musicais do povo, no Nordeste do Brasil. Após essa segunda viagem de *Turista Aprendiz*,<sup>12</sup> o escritor projeta a obra de fôlego *Na pancada do ganzá*. Para a concretização deste trabalho, composto de diversos volumes dando conta das danças dramáticas, da música de feitiçaria, das melodias do boi e de outras formas musicais nordestinas por ele registradas em pentagramas e analisadas em ensaios que não finalizou, ele alimenta, após 1929, a *Bibliografia para Na pancada do ganzá*. Esta foi a relação de autores com os quais Mário de Andrade dialogou durante os anos em que procurou concretizar seu ambicioso projeto. Obra também interrompida pela morte, em 1945, *Na pancada do ganzá*, a partir da década de 1950, teve os manuscritos organizados para publicação por Oneida Alvarenga. Discípula de Mário, a musicóloga publicou, nas Obras Completas pela Livraria Martins Editora, *Danças dramáticas do Brasil* (1959, 3 v.) e *Música de feitiçaria no Brasil* (1963); e pela Livraria Duas Cidades, *Cocos* (1984) e *Melodias do boi e outras peças* (1987). As análises dos estudos *Preto* e *O sequestro da dona ausente*,<sup>13</sup> dossiês formados principalmente

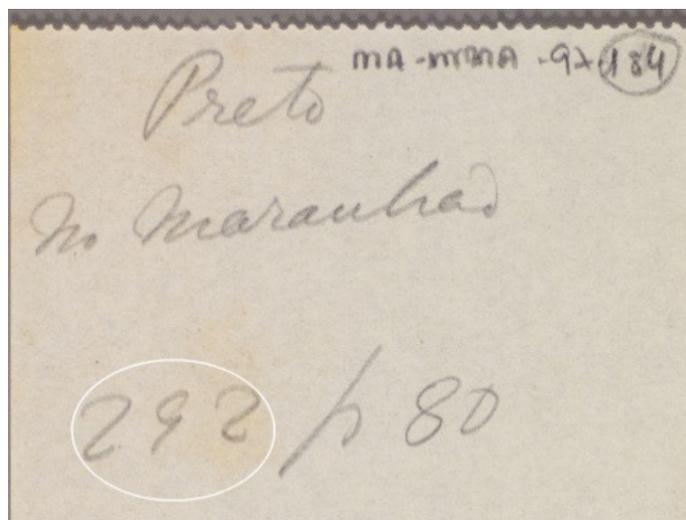
Ateliê

12 Duas foram as viagens assim denominadas por Mário de Andrade: ao Norte do Brasil entre maio e julho de 1927, e ao Nordeste, entre dezembro de 1928 e início de março de 1928. (ANDRADE, M. de. *O Turista Aprendiz*. Ed. preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas cidades, 1985).

13 CARVALHO, R. de S. *Edição genética de O sequestro da dona ausente de Mário de Andrade*. São Paulo, 2001, 1 v. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – FFLCH-USP.

por notas de trabalho, permite que se conclua que a grande bibliografia beneficiou estas duas obras inacabadas de Mário de Andrade.

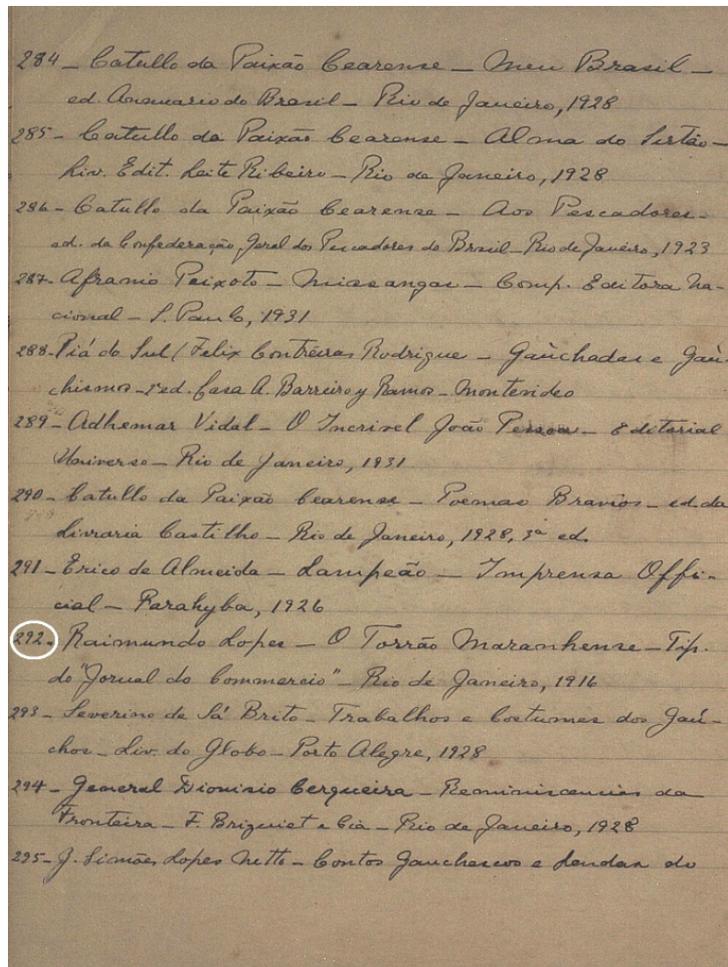
No que concerne ao dossiê *Preto*, para compreender os passos da decifração que parte do arquivo e vai até a biblioteca, apresento, para exemplificar as notas de trabalho, esta que ocupa o fôlio 184, no subtema “Escravidão”:



Preto/ No Maranhão/ 292 p 80

A indicação refere-se à obra “292”, página 80. Ao consultar o manuscrito *Bibliografia para na pancada do ganzá*, encontramos a obra que corresponde ao número referido:

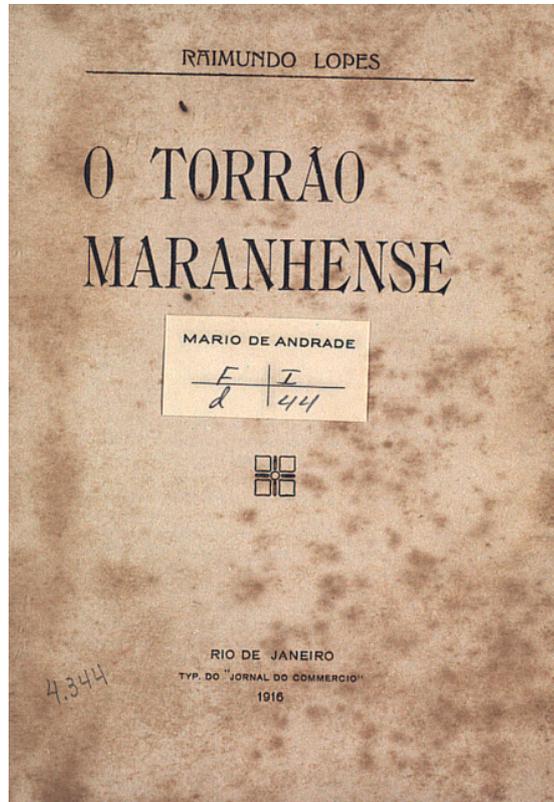
14 Todas as imagens foram cedidas pelo Instituto de Estudos Brasileiros-USP. As marcas em branco são grifos meus.



292- Raimundo Lopes – O Torrão Maranhense – Tip./ do “Jornal do Commercio” – Rio de Janeiro, 1916

Esta indicação permite localizar, na biblioteca do escritor, *O torrão maranhense*, de Raimundo Lopes (Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1916).<sup>15</sup>

15 Cumpre informar que praticamente todos os livros na biblioteca de Mário de Andrade receberam dele uma etiqueta personalizada, demarcando, os cômodos da casa, as estantes, as prateleiras e o número de cada título. (LOPEZ, T. A. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação.” In: ZULAR, R. (Org.). Op. cit., p. 47).



Neste exemplar do livro, na p. 80, capítulo “A formação humana”, podemos identificar a passagem indicada na nota de trabalho:

e da dedicação dos principais auxiliares, este serviço aqui não conseguiu o que, aliás, parece irrealizável, a conciliação permanente.

A faixa negra, introduzida na antiga capitania desde meados do século XVII, desenvolveu-se bastante no Maranhão, onde a sua quantidade só é proporcionalmente inferior á que se nota na Baía e no Rio de Janeiro.

A escravidão, no Maranhão, imperou sobretudo nos campos-baixos e na capital, sendo os negros do interior ocupados na industria do assúcar e os da capital em trabalhos domesticos, serviços manuais de toda sorte, etc.

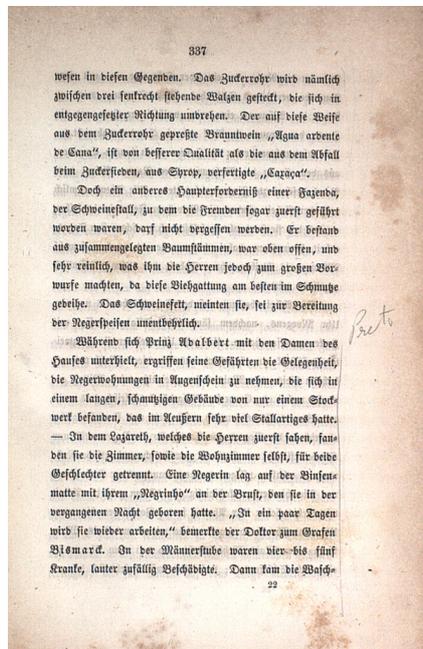
Foi uma das provincias onde mais se desenvolveram os quilombos. A grande mata estava perto, e os pretos fujidos se homiziavam frequentemente nela, formando cabildas e ás vezes batendo os arredores, em reprezálias aos escravocratas. Foram as mais notaveis as que se formaram, respectivamente na zona de Viana e na do Codó, esta ultima pelos tempos da Balaçada, que tambem aliciou muitos negros (ás ordens do lendario e funambulêsco senhor Dom Cosme Bento das Chagas, "tutor e imperador das liberdades *bemtevis*"...)

No Maranhão, como noutras terras onde o contingente negro foi numerozo, apareceram as confrarias fetichistas das *Pretas Minas*, que se explicam pela conservação dos costumes e superstições africanas, por um certo numero de negros vindos em liberdade, da costa da *Mina* (Costa d'Ouro e Daoméi). (1).

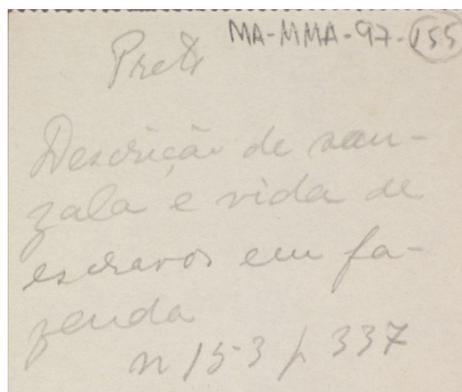
(1) Elisée Reclus.

Ateliê

A nota de trabalho acima exemplifica a leitura sem notas marginais que entrou para o processo criativo de Mário de Andrade. Contudo, na maioria das vezes, o escritor em sua leitura sublinhou, a grafite, trechos; ou deixou, na margem do segmento do texto com que dialogou, um traço, ou uma cruzeta, combinados com a chamada (escólio) "Preto" ou "Negro". Eis um exemplo:

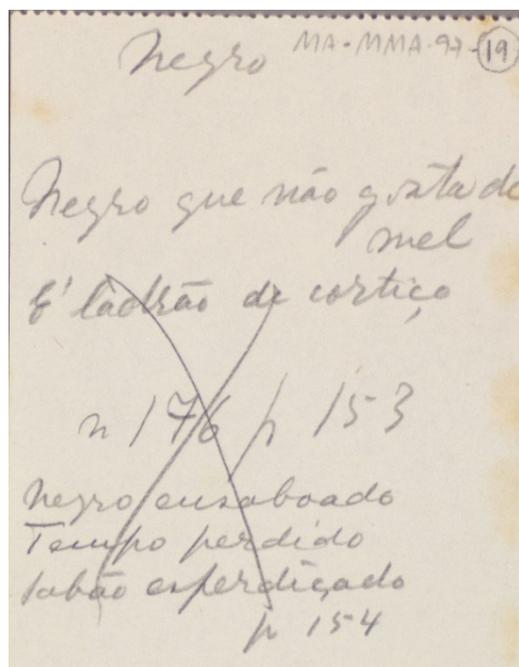


Trata-se de passagem da obra de *Reise Seiner Königlichen Hoheit* des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien. (Berlim, 1857) de Adalbert, Príncipe da Prússia, número 153 da bibliografia referida. Como se vê, o escólio, à p. 337 do livro, liga-se à nota de trabalho, fólio depois separado do caderninho que o pesquisador tinha a seu lado, enquanto lia:



Preto/ Descrição de sen-/zala e vida de/ escravos em fa-/zenda/ n 153 p 337

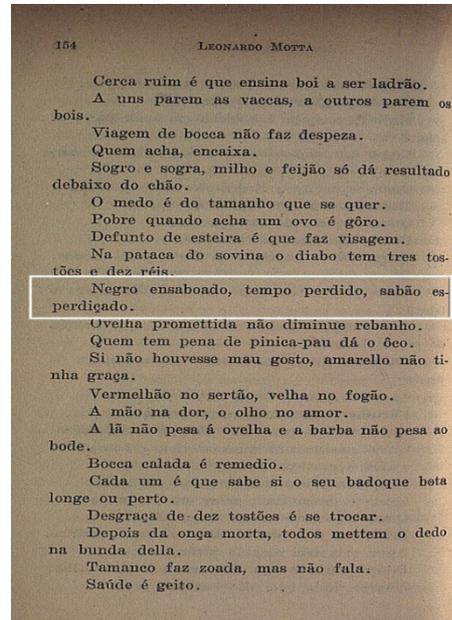
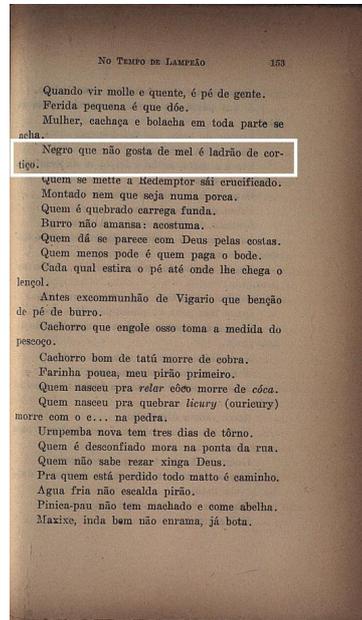
Como já foi destacado, Mário de Andrade serviu-se de notas contidas no envelope sobredito “Documentação já usada”. A nota, em fac-símile abaixo, ao exibir um dos apodos recolhidos pelo pesquisador, além de apontar a matriz, reforça a argumentação a respeito do apodo como veículo da disseminação do preconceito racial no Brasil. Todas as notas contidas neste envelope receberam um X, como marca de utilização efetiva no ensaio/conferência e artigos.



Negro/ Negro que não gosta de/ mel/ É ladrão de cortiço/ n 176 p 153/  
Negro ensaboado/ Tempo perdido/ sabão desperdiçado/ p. 154

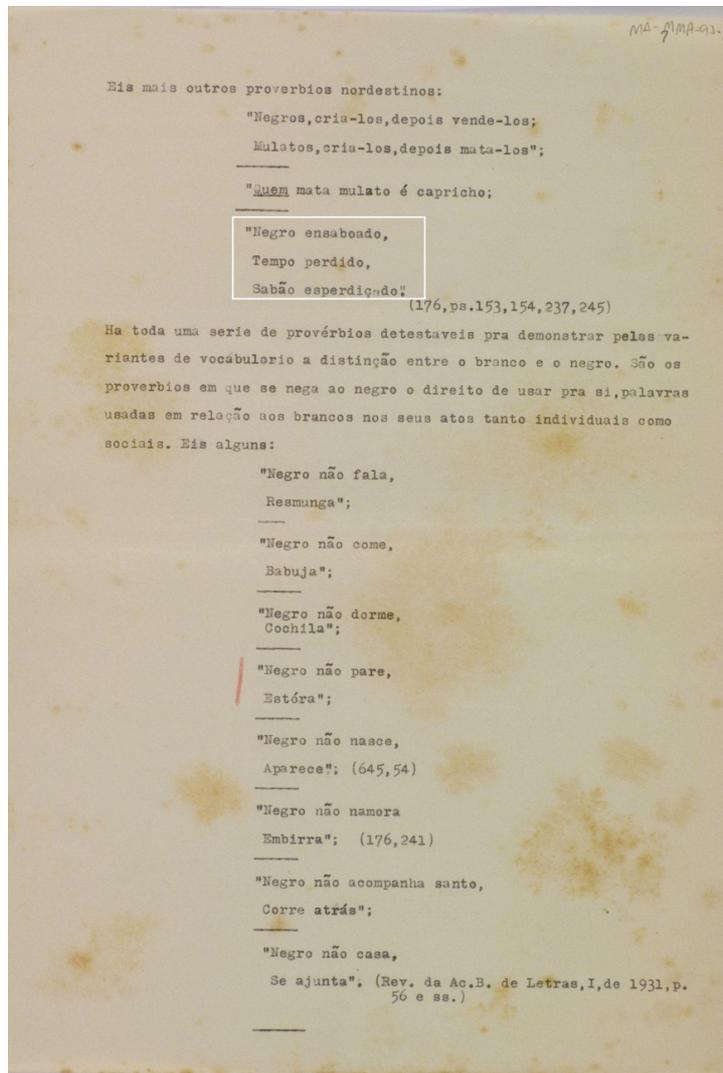
Como se vê, a nota de trabalho leva à matriz *No tempo de Lampeão*, livro de Leonardo Motta (Rio de Janeiro: Off. Ind. Graphica, 1930.), no qual as páginas indicadas contêm os apodos transcritos, mas não guardam notas marginais do pesquisador.

Ateliê



Em uma das páginas do ensaio/conferência “Estudos sobre o negro” pode-se confrontar o uso do segundo apodo consignado na nota prévia.<sup>16</sup>

16 Os números diante das citações, presentes em todo o documento, indicam as referências criadas por Mário de Andrade para a *Bibliografia para Na Pancada do Ganzá*.



Ateliê

No artigo "A superstição da cor preta" (1938), o escritor não se serve destes, assim como de alguns outros apodos que estão presentes na versão do ensaio-conferência, provavelmente por restrição de espaço. No entanto, alguns apodos são retomados em "Linha de cor", inclusive um dos focalizados acima, "Negro que não gosta de mel, é ladrão de cortiço".

# LINHA DE CÔR

Patado

29-III-39

HE 16-1111-1111

Ao correr das minhas leituras e aventuras o problema do preconceito de cor, no Brasil, foi um dos que me interessou muito, e sobre elle reuni farta documentação. Não quiz, como em geral se tem feito sobre o assumpto, observar apenas a superficie. Não ha duvida que por esta superficie poder-se-lhe concluir que negros e brancos vivem entre nós naquella paz diluvial em que a corça e o tigre viveram na arca de Noé e na "Queimada" de Castro Alves. Os ecos ainda tradicionais da campanha abolicionista, a consequente libertação dos escravos, a numerosa phalange de negros ou mestiços valiosos que somos forçados a incorporar á nossa galeria de grandes homens para que esta se valorise mais convincentemente, e finalmente um novo preconceito de liberalismo que de tudo isso nos veiu e que faz a especie de "ariano" brasileiro dar sem nenhuma reserva a sua mão a um negro, seriam provas concludentes de que no Brasil não existe linha de cor. Mas se formos auscultar a pulsão mais íntima da nossa vida social e familiar, encontraremos entre nós uma linha de cor bastante nítida, embora o preconceito não atinja nunca, entre nós, as villanias sociais que pratica nas terras de influencia Inglesa. Mas, sem essa villania, me parece indiscutível que o branco no Brasil concebe o negro como um sér inferior.

Numa das sessões realizadas o anno passado pelo Departamento de Cultura, para esboçar o cinquentenario da Abolição, um escriptor de origem negra, o sr. Fernando Góes, apresentou uma documentação muito curiosa, na intenção de provar essa inferioridade com que o branco concebe o negro, entre nós. Mas a documentação apresentada, apesar de interessantissima, me pareceu na realidade pouco convincente como demonstração de preconceito de cor, porque quasi toda ella se convertia principalmente em preconceitos da classe. Era documentação de classe e não de cor. Assim por exemplo, se um grupo de senhoras da elite funda uma escola para moças "de cor", com o fito de formar boas cozinheiras, é certo que não fundariam, por outro lado, nenhuma escola de operarias brancas para educal-as na industria de melhormente gastar os ecos da elite. E o engracado no caso é que havia uma especie de elogio ao preto e á sua extraordinaria habilidade nas artes do bom comer.

Da mesma forma: se um pae burguez recusará sua filha branquinha em casamento a um negro — o que, de resto, não é uma lei absoluta entre nós — também

é profundamente certo que a recusará mais peremptoriamente e, com certa e fatal razão, a um remendão ou lixeiro de qualquer cor. O preconceito de cor me parece incontestavel entre nós, porém, na sua complexidade e espezera de disfarces... constituições, temos que não confundilo com o problema de classe, não só para não exaggeral-o em sua importancia, como para lhe dar melhor illuminação e não enfracuel-o em suas provas legitimas.

Neste sentido, creio que não ha melhor jeito de provar a existencia do preconceito do que buscando a sua documentação folclorica. E então veremos essa coisa espeziosa de ser o proprio povo incluíto a esposar o preconceito e cobrir o negro de apodos, pelo simples facto de ser negro. Aquil não se trata mais, evidentemente, de problemas similares mas não identicos, como são os de classe e de raça, o problema é exclusivamente de cor.

Por hoje me conservarei apenas na seara dos proverbios, que só por si é assustadoramente violenta. Eis alguns, para começar:

Em festa de branco Negro não se mette.

Negro comendo com branco A comida é do negro.

Negro em pé é um tóco, Dormindo é um porco.

Negro é como trempo: Quando não queima, suja.

Negro que não gosta de mel, E' ladrão de cortico.

Negro quando não suja na entrada, Na sahida é certo.

Quando o negro não quer lava, Fava no negro.

Matolotagem de negro Não salta rischo.

Negro não come gostoso, Porque não espera cozinhar. Eis alguns proverbios colhidos no Nordeste:

Negros, crial-os e depois vendel-os; Mulatos, crial-os e depois matel-os.

Quem mata mulato é capricho.

Negro ensaboad, Tempo perdido, Sabão espedido.

Ha toda uma série de proverbios detestaveis para demonstrar, pelas variantes do vocabulario, a distinc-

ção entre o negro e o branco. São os proloquios em que se nega ao negro o direito de empregar, para seu uso, palavras usadas em relação aos brancos, nos seus actos tanto individuais como sociais. Escolho esta série edificante, entre os quaes já reenclei:

Negro não fala, Resmunga.

Negro não come, Babuja.

Negro não dorme, Cochlia.

Negro não dá á luz, Estóra.

Negro não nasce, Aparece.

Negro não namora, Embirra.

Negro não acompanha santo, Corre atrás.

Negro não casa, Se ajunta.

Esta série de proverbios baseados em differenciação de terminologia, foi relacionada, aliás, no numero de Janeiro de 1931, da "Revista da Academia Brasileira de Letras". E não querendo insistir no genero, lembro apenas que Sylvio Romero enumera varios outros mais, numa lenga-lenga que colheu da propria bocca de pretos, e á qual elles chamavam de "Padre Nosso do Negro".

Ainda outro proverbio bem cruel é aquelle registado por Afranio Feixoto nas suas "Missangas": Abelha preta é arapua. Tempéro de negro é mangua. "Mangua" é pau, no sentido de sova.

A inferioridade do mulato ainda vem assignalada noutro proverbio: Mulato em burro é laçalo.

Ha um outro ainda, crudelissimo, colhido por Spix e Martius em Minas, e cuja parte central não pôde ser literalmente dita aqui:

As brancas são para casar, As mulatas para ..... As negras para servir.

Finalmente, um proverbio muito conhecido, é o que se originou dos "andas" como se dizia antigamente, os escravos vestidos apuradamente, destinados a carregar suas senhoras nos vehiculos colonias. Usavam sempre luvras, donde o dizer:

Negro de luva, Signal de chuva, que tambem se diz, pelo menos em S. Paulo, peorando o apodo: Macaco de luva. Signal de chuva.

italiana, occupando os cargos de ministro, embaixador em Madrid e em Paris. Em compensação de tantos serviços foi nomeado Duca de Gaeta. Manfredo Pauli, voltando da Hespanha para combater nas campanhas de independencia, reorganisa o exercito italiano, é condecorado com a medalha de ouro ao valor militar e com o grau de general de armada. Giacomo Medici, acabada a guerra de Hespanha, passa a Montevideu com Garibaldi. Voltando á Italia em 1848, corre a Roma onde fóra proclamada a republica, e é nomeado coronel por Garibaldi. A defesa da villa do Vascello, inteiramente devida a Medici, foi uma das paginas mais gloriosas daquella campanha. Em 1859 commanda o regimento dos "Caçadores dos Alpes"; em 1860 toma parte na expedição da Sicilia e na batalha do Voltorno distinguindo-se sempre entre os primeiros. Mais tarde é ajudante de campo do rei Victor Manuel II, senador e Marquez do Vascello.

destes, contam-se á centenas os outros refugiados que, depois de terem combatido na Hespanha, em Portugal, na Polonia, na Grecia, na Belgica, no Brasil, no Uruguay, em toda parte onde se lutava pela liberdade, quando só a hora, voltaram á patria e foram dos primeiros a concorrer para a sua independencia politica. Basta, entre todos, lembrar os dois nomes gloriosos de Livio Zambecari e Giuseppe Garibaldi, que deixaram fama eterna no Brasil e no Uruguay.

Para todos estes valores, a luta em defesa da liberdade dos povos oprimidos não foi somente uma satisfação, um desabao, um allivio da dor comprimida, uma necessidade psychologica em que

(Continúa na pag. seguinte)

Esta equiparação nacional do negro ao macaco, bem que para o estrangeiro sejamos todos uns "macaquitos", deu tambem o dictado que indica alguém ser mestiço, "coçar a orelha com o pé", que Amadeu Amaral já estudou.

E basta de proverbios mais. Outro dia de pachorra hei de mostrar que a canção popular brasileira não é menos abundante em offensas. Reconheço que se fossem offensas simplesmente, seriam insufficientes para provar uma linha de cor, seriam, quando muito, comprovantes. Tambem o portuguez foi fartaemente insultado entre nós, e ganha do papasato como personagem principal do nosso anecdotario, da mesma forma com que nós não somos esquecidos diariamente em Portugal. Mas pela abundancia e pela forma comparativa que a maioria delles veste, é incontestavel, nestes proverbios, a consciencia de uma differenciação moral e social. Consciencia que os proverbios, as parlendas e as antigas ajudam a conservar.

Mario de Andrade

manuscrita

O estudo, atento à multiplicidade deste tipo de manuscrito, revela facetas. É importante destacar que as anotações marginais funcionam também como notas de trabalho. Como vimos, nem sempre a leitura indicada pela nota de trabalho recebe apontamento nos livros. Telê Ancona Lopez chama atenção para o fato de que há três vertentes de diálogos que se instauram nas relações de criação de Mário de Andrade e a biblioteca dele.<sup>17</sup> A primeira delas, da qual podemos usar como exemplo os apodos retirados de *No tempo de Lampeão*, carrega “elementos constitutivos fundamentais de uma obra literária que se mostram implícita ou explicitamente em matrizes marcadas ou não por notas de margem, paralelamente ou não formados por fólios com notas prévias”. As notas do estudo *Preto* trazem marcas também da segunda vertente, na qual as leituras acrescentam dados ao projeto em andamento; como vimos em todos os exemplos, principalmente no qual o escritor assinala “Preto” à margem do trecho, demarcando assim em qual de seus projetos a passagem lhe interessa. A terceira vertente, menos comum nesse estudo, refere-se às notas marginais que consolidam comentários e análises da leitura. Um exemplo deste tipo de diálogo está nas extensas notas do escritor em seu exemplar de *Casa Grande & Senzala* (Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933).<sup>18</sup>

17 LOPEZ, T. A. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, R. (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo, Iluminuras, 2002, p. 47.

18 O estudo dessas notas marginais está no ensaio “Barco de proa dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade” de Antonio Dimas. In: FREYRE,

O percurso aqui apresentado serviu para decifração das 346 notas de trabalho encontradas no estudo *Preto*. A análise dessas notas e das versões de textos resultou na organização do dossiê composto por 350 documentos. O estudo revelou um aspecto fundamental da nota de trabalho na criação andradiana, qual seja, que ela pode indicar a via principal que leva o pesquisador a ultrapassar os limites do documento e chegar à biblioteca do escritor, ampliando assim a compreensão do conjunto.

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. de. Linha de cor. *O Estado de S. Paulo*. 29 mar. 1939.

\_\_\_\_\_. *Música de feitiçaria no Brasil*. Organização introdução e notas de Oneida Alvarenga. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

\_\_\_\_\_. A Superstição da cor preta. *Publicações médicas*. São Paulo: jun./jul. de 1938.

\_\_\_\_\_. A Superstição da cor preta. *Pensamento da América – Suplemento Panamericano d'A Manhã* de 27 de setembro de 1942.

G. *Casa Grande & senzala*. Edição crítica e coordenada por Guillermo Giucci (et al.). São Paulo; Rio de Janeiro: ALLCA XX, 2002, p. 849-869. O estudioso mostra que para o escritor paulista, “Contradição, repetição, falta de método, são estas as cobranças mais constantes e mais duras, que fariam de *Casa grande & senzala* um monumento movediço”. Dimas refere-se às anotações de Mário que acusam a repetição na escritura da obra, como também à nota na página de rosto do exemplar: “em areia incerta uma catedral disforme... (Paulística, p. VI)”.

- CARVALHO, R. de S. *Edição genética de O sequestro da dona ausente de Mário de Andrade*. São Paulo, 2001, 1 v. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – FFLCH-USP.
- DIMAS, A. “Barco de proa dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade”. In: FREYRE, G. *Casa Grande & senzala*. Edição crítica e coordenada por Guillermo Giucci (et al). São Paulo, Rio de Janeiro: ALLCA XX, 2002, p. 849-869.
- GRÉSILLION, A. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- GRILLO, A. T. *Processo de criação do estudo Preto, um inédito de Mário de Andrade*. São Paulo, 2010. 2 v. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP.
- HAY, L. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- LOPEZ, T. A. Leituras e criação: fragmentos de um diálogo de Mário de Andrade. *Manuscrita*, revista de crítica genética. São Paulo, APCG; Humanitas, n. 15, 2007, p. 62-95.
- \_\_\_\_\_. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, R. (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 50-51.
- MORAES, M. A. de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007.

Ateliê